



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANA KAROLYNE OLIVEIRA RAMOS

**SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA
REVISÃO DE LITERATURA DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO DA COVID-19**

Maceió
2024

ANA KAROLYNE OLIVEIRA RAMOS

**SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA
REVISÃO DE LITERATURA DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO DA COVID-19**

**Artigo apresentado ao Curso de Pedagogia
da Universidade Federal de Alagoas, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.**

Orientadora: Profa. Dra. Deise Juliana
Francisco

Maceió
2024

ANA KAROLINE OLIVEIRA RAMOS

SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

uma revisão de literatura durante o período pandêmico

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 29/11/2024.

Orientadora: Profa. Dra. Deise Juliana Francisco (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **DEISE JULIANA FRANCISCO**
Data: 29/11/2024 14:06:51-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Deise Juliana Francisco (CEDU/UFAL)

Presidente

Documento assinado digitalmente
 **RAFAEL ANDRE DE BARROS**
Data: 29/11/2024 18:46:06-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Rafael André de Barros (UNCISAL/AL)

2º. Membro
Documento assinado digitalmente
 **MONICA PATRICIA DA SILVA SALES**
Data: 04/12/2024 13:32:04-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Monica Patricia da Silva Sales (CEDU/UFAL))

3º. Membro

SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA REVISÃO DE LITERATURA DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO DA COVID-19

Ana Karolyne Oliveira Ramos
kaholirs@gmail.com

Deise Juliana Francisco
deisej@gmail.com

RESUMO: Este artigo trata de uma revisão de literatura sobre estudos relacionados à saúde mental de professores da educação básica durante e após o período pandêmico, compreendido entre os anos de 2020 e 2023. Esta pesquisa tem como objetivo geral: mapear a literatura nacional sobre saúde mental do professor da educação básica no período pandêmico. Os objetivos específicos são: identificar as causas do sofrimento psíquico dos professores, como descrito na literatura nacional; verificar as medidas sugeridas pela literatura nacional para promoção de saúde mental na escola para professores; verificar os fatores que levaram ao sofrimento psíquico no período pandêmico. Para a revisão, foram selecionados trabalhos nas bases SciELO, Periódicos CAPES e Lens.org, utilizando palavras-chave como saúde mental, professor, educação básica, Síndrome de *Burnout*, estresse e transtornos mentais, provenientes de pesquisas acadêmicas desenvolvidas no âmbito da pós-graduação em cursos de educação, publicados em língua portuguesa. Os estudos selecionados são do período de 2020 a 2023, sendo que 17 atenderam aos critérios iniciais de inclusão. Foram encontrados estudos tanto qualitativos quanto quantitativos, os quais foram relacionados às teorias sobre o trabalho docente, a saúde mental dos professores, as condições de trabalho oferecidas e como esses fatores influenciam no desempenho profissional. As pesquisas ofereceram uma análise aprofundada e criteriosa sobre a saúde mental dos professores da educação básica, especialmente no contexto do impacto da pandemia de COVID-19. Alguns estudos destacaram a prevalência de transtornos psicológicos entre os docentes, evidenciando níveis significativos de insatisfação, estresse e sobrecarga. A análise de 17 artigos apresentou dados relevantes e esclarecimentos sobre as dificuldades enfrentadas pelos professores, contribuindo para uma compreensão mais abrangente dos desafios vivenciados por esses profissionais durante o período pandêmico. A partir disso, destacamos a relevância de estudos sobre saúde mental na educação para a comunidade escolar como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: saúde mental, professor, educação básica, estresse e transtornos mentais.

ABSTRACT: This article presents a literature review of studies related to the mental health of basic education teachers during and after the pandemic period, between 2020 and 2023. The general objective of this research is to map the national literature on the mental health of basic education teachers during the pandemic. The specific objectives are: to identify the causes of teachers' psychological distress, as described in the national literature; to verify the measures suggested by the national literature for promoting mental health in schools for teachers; and to verify the factors that led to psychological distress during the pandemic. For the review, studies were selected from the SciELO, CAPES Journals, and Lens.org databases, using keywords such as mental health, teacher, basic education, Burnout Syndrome, stress, and mental disorders, originating from academic research developed within postgraduate courses in education, published in Portuguese. The selected studies are from the period of 2020 to 2023, and 17 met the initial inclusion criteria. Both qualitative and quantitative studies were found, which were related to theories about teaching work, teachers' mental health, the working conditions offered, and how these factors influence professional performance. The research offered an in-depth and rigorous analysis of the mental health of basic education teachers, especially in the context of the impact of the COVID-19 pandemic. Some studies highlighted the prevalence of psychological disorders among teachers, showing significant levels of dissatisfaction, stress, and overload. The analysis of 17 articles presented relevant data and clarifications about the difficulties faced by teachers, contributing to a more comprehensive understanding of the challenges experienced by these professionals during the pandemic period. From this, we highlight the relevance of studies on mental health in education for the school community as a whole.

KEYWORDS: mental health, teacher, basic education, stress and mental disorders

1 INTRODUÇÃO

A saúde mental tem se consolidado como um tema de crescente relevância no campo educacional desde o século XX. Contudo, a partir de 2020, essa discussão adquiriu ainda mais visibilidade em virtude da pandemia de COVID-19, que evidenciou os efeitos de condições laborais precárias sobre os profissionais da educação. O contexto pandêmico, especialmente devido ao isolamento social e à sobrecarga de trabalho remoto, exacerbou problemas de saúde mental entre docentes, resultando em afastamentos e impacto direto na qualidade educacional. Estudos indicam que professores relataram altos níveis de estresse, ansiedade e exaustão, refletindo em uma queda na eficácia do ensino e na aprendizagem dos alunos. Segundo uma pesquisa do Instituto Península, 83% dos professores relataram aumento nos sintomas de ansiedade e estresse durante a pandemia, e uma proporção significativa considerou abandonar a profissão devido à sobrecarga emocional e psicológica (Instituto Península, 2021).

Este estudo baseia-se na importância da saúde mental dos profissionais da educação, assim como na necessidade de um ambiente de trabalho seguro e de condições adequadas para a efetiva execução do processo educacional. O objetivo desse artigo é relacionar os tipos de adoecimento mental entre professores da educação básica no período pandêmico de 2020 a 2023, descrevendo o que a literatura aponta como as condições de trabalho influenciaram no sofrimento e adoecimento e quais estratégias foram empregadas para mitigar as consequências do isolamento social (Instituto Península, 2021).

2 SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA REVISÃO DE LITERATURA DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO

Os desafios enfrentados pelo professor têm se tornado maiores que os benefícios esperados pela profissão, as atividades exercidas necessitam de um grande aporte de requisitos como pesquisas, organização, planejamento, empenho, disponibilidade, dentre outros. Tai, Chen (2020) apontam a avassaladora sobrecarga enfrentada pelo professor impactando negativamente na qualidade do ensino. Isso acontece porque, além de ensinar, os professores frequentemente precisam

confeccionar material didático, corrigir provas e trabalhos, entre outras tarefas administrativas e burocráticas.

Ao ingressar na docência, o profissional inevitavelmente leva o trabalho para o ambiente doméstico, confrontando-se com diferentes realidades e buscando estratégias variadas para exercer sua profissão de forma a alcançar resultados significativos. Os jovens, por sua vez, refletem uma sociedade em crise e evidenciam as condições de um país com estruturas inadequadas e famílias em situação de vulnerabilidade. Inseridos em um contexto de múltiplos desafios, muitos desses jovens enfrentam dificuldades para acessar atividades essenciais, como educação e lazer, ainda que tais direitos sejam garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990).

Atuar no setor educacional requer paciência, discernimento e uma grande responsabilidade para lidar com as situações encontradas no cotidiano, as demandas presentes trazem o cansaço, estresse e adoecimento para os professores, a baixa remuneração, falta de reconhecimento, falta de recursos para realização do trabalho e o tempo de trabalho exigido são alguns dos motivos que causam tantos transtornos à saúde mental dos professores (Adkins-Cartee et al., 2023). Vale enfatizar que esses transtornos estão associados ao trabalho, ao estresse, e às questões complexas que acontecem no dia a dia (Neves; Silva, 2006). Quando o trabalho passou a ocupar uma parte significativa do tempo na vida do professor, sua rotina e relações começaram a se moldar em torno dele. Muitas vezes, os vínculos sociais estão limitados ao ambiente profissional, e o tempo passado com colegas de trabalho acaba sendo maior do que o dedicado à própria família. Com a Revolução Industrial na segunda metade do século XIX e a nova realidade trabalhista, a classe educadora precisou se adaptar para não cair no esquecimento, a inserção da mulher no mercado de trabalho e sua participação em esferas sociais, políticas e econômicas trouxe mudanças significativas, ampliando sua influência na sociedade. Esse processo foi acompanhado por transformações nas relações de gênero e nas dinâmicas familiares, bem como por desafios como a desigualdade salarial, a dupla jornada de trabalho e a sub-representação em cargos de liderança. Estudos e dados mostram que, embora a participação feminina tenha aumentado, persistem barreiras estruturais que limitam a plena equidade de gênero (McKinsey, 2023).

O trabalho se tornou motivo de adoecimento mental, segundo Jacques (2007, p.17) "o nexo causal entre trabalho e doença tem-se estabelecido como uma área

delicada de estudo, uma vez que implica a afirmação de causalidade entre as duas variáveis, ou seja, a afirmação do trabalho como um agente capaz de causar adoecimento ao indivíduo.” O estabelecimento de um nexos causal entre trabalho e doença é uma área de estudo complexa e sensível, pois envolve a difícil tarefa de associar diretamente as condições de trabalho ao surgimento ou agravamento de doenças. A afirmação de que o trabalho é um fator causal de adoecimento vai além de observar uma correlação; ela demanda evidências de que a atividade profissional, o ambiente de trabalho ou os fatores psicossociais envolvidos atuam como agentes que efetivamente desencadeiam ou agravam condições de saúde, como transtornos mentais, doenças físicas e síndromes ocupacionais.

Essa análise é desafiadora, uma vez que múltiplos fatores (genéticos, sociais, ambientais) também podem influenciar a saúde de um indivíduo, tornando complexa a distinção do papel isolado do trabalho no desenvolvimento da doença. A construção desse nexos causal envolve, portanto, um rigor científico na coleta de dados sobre o ambiente de trabalho e na análise dos sintomas, exigindo muitas vezes estudos longitudinais e avaliação de fatores específicos, como intensidade do estresse, exposição a riscos e carga física. Em contextos legais, essa complexidade torna a comprovação do nexos causal essencial para definir o reconhecimento de doenças ocupacionais, gerando implicações importantes para as políticas de segurança no trabalho e para os direitos dos trabalhadores.

O impacto da carga horária exaustiva e das múltiplas demandas tem sido reconhecido como um fator significativo para o aumento de problemas de saúde mental entre professores. A sobrecarga de trabalho, as dificuldades em sala de aula e os desafios da dinâmica social escolar contribuem para tornar a atividade laboral estressante e emocionalmente desgastante. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Península (2021) apontou que 66% dos professores relataram piora na saúde mental após a pandemia, citando aumento de ansiedade, depressão e outras dificuldades emocionais relacionadas ao ambiente escolar e à intensificação das demandas. Esses fatores, segundo o estudo, têm tornado a docência uma profissão de alto risco para transtornos mentais, levando muitos docentes a considerarem o afastamento temporário ou até definitivo.

A relação entre trabalho e trabalhador alcançou um nível complexo com a pandemia causada pelo COVID-19 em 2020. Até então, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001) já previa as questões relacionadas à saúde mental em todo o mundo. Somente em 2020, esse assunto se tornou destaque por causa da pandemia

do COVID-19. Esse período exigiu que os professores se reinventassem ainda mais, buscando meios tecnológicos para que a educação continuasse. A fim de garantir que os alunos não ficassem sem o conhecimento necessário, foi um desafio ainda maior na educação básica, sendo que muitos estudantes não tinham acesso a aparelhos celulares, computadores ou tablets com internet. Com o distanciamento social, exigido por órgãos internacionais, era inviável encontrar esses alunos pessoalmente, portanto, tornou-se necessário encontrar novos meios de interação. Esse foi um período desafiador e continua sendo até hoje, pois ainda estamos colhendo os frutos de dois anos de ensino remoto.

Atualmente, o papel do professor vai muito além de promover o ensino e a aprendizagem. Ele é responsável por uma série de funções que contribuem para o desenvolvimento integral dos alunos, tanto no aspecto acadêmico quanto social e emocional. Uma dessas funções é a de facilitador do desenvolvimento social e emocional, incentivando a empatia, a comunicação e o respeito mútuo, além de ajudar os alunos a desenvolverem habilidades como autorregulação e resiliência. O professor também atua como mediador de conflitos, promovendo a resolução pacífica de desentendimentos e mantendo um ambiente de respeito e diálogo na sala de aula. Além disso, o professor assume o papel de orientador e mentor, oferecendo suporte nas escolhas acadêmicas e profissionais dos alunos e servindo como uma figura de inspiração. Ele também é um designer de estratégias educacionais, adaptando métodos de ensino para atender às diferentes necessidades da turma, utilizando recursos tecnológicos e metodologias ativas para enriquecer o processo de aprendizagem. Outra função importante é a de avaliador, realizando uma avaliação contínua e formativa para ajustar suas práticas pedagógicas conforme as necessidades dos alunos. Como promotor da inclusão, ele garante que todos tenham acesso ao aprendizado de forma justa, respeitando e valorizando as diferenças. O professor também atua como mediador cultural, promovendo o respeito às diversas perspectivas e culturas presentes na sala de aula, e como agente de transformação social, formando cidadãos críticos e conscientes, capazes de atuar de maneira ética e responsável na sociedade. Por fim, ele é um gestor de sala de aula, organizando o ambiente, gerenciando o tempo e os recursos para garantir que o processo educativo seja eficiente e produtivo. Essas múltiplas funções evidenciam a importância do professor não apenas na educação formal, mas também na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e preparada para enfrentar os desafios do futuro.

Embora ainda enfrentemos desafios complexos na educação, a prática de ensino em grupo é essencial para fortalecer habilidades sociais, incentivar a troca de conhecimentos e assegurar um aprendizado mais inclusivo. Ao valorizar tais situações, os professores criam ambientes de aprendizagem que atendem não apenas ao conteúdo acadêmico, mas também ao desenvolvimento de competências emocionais e sociais, fundamentais para uma educação equitativa e integrada.

Estudos mostram que o ensino pode impactar positivamente a saúde mental dos estudantes ao melhorar seu desempenho acadêmico e motivação, especialmente para aqueles com dificuldades de aprendizagem ou oriundos de contextos desfavorecidos (Tomlinson, 2014; Hattie, 2012). Quando alunos recebem atenção personalizada, eles se sentem mais valorizados e apoiados, o que contribui para o desenvolvimento de uma autoestima saudável e para a redução de sentimentos de ansiedade e frustração. A abordagem personalizada não apenas promove inclusão, mas também assegura que todos os estudantes tenham oportunidades justas de alcançar seu potencial máximo, independentemente das barreiras sociais ou educacionais.

No entanto, essa personalização também pode sobrecarregar o professor, que enfrenta o desafio de gerenciar individualmente as necessidades diversas dos alunos em um ambiente com demandas crescentes. Esse cenário contribui para o aumento dos problemas de saúde mental entre docentes, que precisam equilibrar um atendimento coletivo e individualizado com uma carga de trabalho já extensa e com as pressões acumuladas durante a pandemia (Possa; Krause, 2023). A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001) alerta que ambientes de trabalho com demandas intensas, sem o apoio adequado, estão diretamente ligados ao desenvolvimento de transtornos mentais, como ansiedade e *burnout*. Assim, a necessidade de equilibrar um ensino justo e personalizado com a saúde mental de professores e alunos torna-se um aspecto crítico na recuperação e reconstrução do sistema educacional após os últimos anos de crise sanitária no Brasil.

Diversas pesquisas destacam os desafios psicológicos enfrentados por educadores durante o período de distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19. Um estudo da Fiocruz (2020) apontou que professores experimentaram níveis elevados de estresse e ansiedade devido ao medo de contaminação, preocupações financeiras e o impacto emocional do isolamento. Além disso, pesquisa do Instituto Península (2021) mostrou que 83% dos docentes brasileiros relataram agravamento da saúde mental, com sintomas de ansiedade, exaustão e

incertezas sobre o futuro da profissão, atribuídos às mudanças repentinas nas dinâmicas de ensino e às dificuldades de adaptação ao ensino remoto.

Esses estudos evidenciam como o contexto pandêmico aumentou a vulnerabilidade psicológica dos profissionais da educação, que lidaram não apenas com a complexidade de suas funções, mas também com o impacto pessoal da pandemia, incluindo o medo de perder entes queridos e a solidão do distanciamento social.

Mesmo quatro anos após o início da pandemia, esses sentimentos de medo e incerteza ainda podem persistir. É importante reconhecer e validar os desafios emocionais enfrentados pelos professores e oferecer apoio contínuo para ajudá-los a lidar com esses sentimentos. Isso pode incluir acesso a recursos de saúde mental, programas de apoio emocional, oportunidades de compartilhar experiências e preocupações com colegas, e a promoção de práticas de autocuidado (Silva; Oliveira, 2023).

A realidade escolar após a pandemia é complexa e desafiadora. Hoje o professor busca ainda mais compreender o cenário em que vive e deixar de lado seus próprios traumas, muitos se afastaram de suas funções, pois a volta para sala de aula foi muito difícil (McCuaig; Vong, 2022), outros que já tinham problemas de saúde descobriram novos e muitos outros se encontram emocionalmente instáveis, sem saber até onde suportam, muitos profissionais afastados de suas funções (Facci; Urt, 2020).

A profissão docente tem enfrentado um fenômeno de "uberização", no qual a função do educador é comparada aos aspectos da economia de trabalho dos motoristas de aplicativos, como a Uber. Essa comparação sugere que a profissão docente é caracterizada por contratos temporários, nos quais os professores carecem de segurança empregatícia e podem ser dispensados a qualquer momento, com seu desempenho avaliado de maneira similar à avaliação de uma corrida de Uber (Antunes, 2018).

Esse fenômeno apresenta características claras, como a insegurança, a avaliação contínua e a autonomia limitada. Essas condições geram impactos significativos na saúde mental dos educadores, que precisam lidar com transformações em um ambiente de trabalho que não proporciona segurança ou estabilidade.

Outro aspecto que influenciou o ensino durante e após a pandemia foi a plataformização da educação, que transformou as salas de aula em ambientes

virtuais (Williamson, 2017). As avaliações passaram a ser realizadas remotamente, e os métodos de ensino tiveram que ser adaptados de forma significativa. Educadores foram desafiados a criar jogos interativos e condições favoráveis para o aprendizado, enfrentando ainda situações adversas, como a falta de acesso à internet e meios de comunicação por parte dos alunos. Esse contexto revela a necessidade urgente de repensar as estruturas e as condições de trabalho docente, promovendo um ambiente educacional mais seguro e estável que considere as realidades contemporâneas.

Além dos desafios pessoais enfrentados, os professores precisaram lidar com as constantes transformações que vem ocorrendo ao longo dos anos no âmbito das tecnologias e com técnicas de aulas interativas, dinâmicas e de fácil compreensão, como jogos, enquetes, brincadeiras, músicas e afins. O professor precisa se reinventar diariamente para conseguir alcançar sua meta em sala de aula, estando atento às transformações sociais que vem acontecendo a seu redor. Essa pressão social é um dos fatores que fazem com que o professor fique ainda mais sobrecarregado.

Uma doença que tem atingido os profissionais da educação básica e que se intensificou depois da pandemia é a Síndrome de *Burnout*, a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2019, reconheceu o *Burnout* como uma doença ocupacional e foi oficialmente incluída na Classificação Internacional de Doenças (CID-11). Nela, o sujeito atinge níveis elevados de estresse, exaustão extrema, variações de humor e ansiedade. Esse fenômeno é frequentemente observado em ambientes de trabalho caracterizados por altas demandas emocionais e falta de apoio adequado, resultando em um impacto significativo na saúde mental e no bem-estar dos indivíduos, o *burnout* é uma condição de adoecimento severo decorrente do trabalho, que assegura ao profissional todos os direitos trabalhistas. Caso necessário, é viável solicitar o afastamento do trabalho para um acompanhamento psicológico adequado (Rossi, 2014).

Esse tema tem se tornado relevante a partir do momento que muitos profissionais enfrentaram desafios significativos em suas jornadas trabalhistas, causando lacunas enormes na folha de funcionários, um fenômeno conhecido como a “Grande Demissão” (Harvard Business Review, 2021). Esse termo surgiu para justificar o aumento considerável de demissões após a pandemia impulsionados pelo estresse acumulado, busca por condições melhores de trabalho e *burnout*. Atualmente, é possível conceder a devida atenção aos casos de Síndrome de

Burnout, uma vez que a condição foi reconhecida oficialmente na Classificação Internacional de Doenças (CID-11). Este reconhecimento oferece um suporte maior para os profissionais afetados pela doença, contribuindo para a elaboração de políticas de saúde ocupacional que visem a prevenção e o tratamento adequado desse tipo de adoecimento. Essa mudança reforça a importância de intervenções institucionais que promovam ambientes de trabalho saudáveis e sustentáveis, além de proporcionar aos trabalhadores os direitos e os recursos necessários para sua recuperação e bem-estar.

Diante desse quadro social e profissional descrito, é pertinente indagar sobre as condições de trabalho dos professores após a pandemia e de que maneira o retorno ao ensino presencial impacta sua saúde mental. É relevante investigar a prevalência de distúrbios psicológicos entre educadores da educação básica, bem como as consequências que emergem no ambiente educacional ao considerar tais aspectos. Estudos indicam que a relação entre professores e a síndrome de *burnout* é significativa, uma vez que esses profissionais demonstram uma maior vulnerabilidade a distúrbios mentais, como irritabilidade, baixa autoestima em relação à sua profissão e fadiga. Essa conexão é evidenciada pelo aumento substancial das responsabilidades laborais, condições de estresse no ambiente de trabalho e transformações profundas nas esferas pessoal e profissional. A pesquisa de Rosa *et al.* (2022) ressalta que os educadores, devido à natureza exigente de seu trabalho, frequentemente enfrentam desafios que afetam sua saúde mental, refletindo em níveis elevados de *burnout*. Além disso, o estudo da RAND Corporation (2023) confirma que, mesmo com melhorias no bem-estar observadas em 2023, muitos professores ainda relataram sintomas de estresse significativos, associados a pressões constantes e à falta de reconhecimento.

Esta pesquisa tem como objetivo geral: mapear a literatura nacional sobre saúde mental do professor da educação básica no período pandêmico em âmbito nacional. Os objetivos específicos são: identificar as causas do sofrimento psíquico dos professores, como descrito na literatura nacional; verificar as medidas sugeridas pela literatura nacional para promoção de saúde mental na escola para professores; verificar os fatores que levaram ao sofrimento psíquico no período pandêmico.

2.1 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, de revisão de literatura, realizamos a busca dos artigos nas bases de dados SciELO, Periódicos CAPES e Lens.org através dos descritores de saúde mental, professor, educação básica, estresse e transtornos mentais, no período de 2020 à 2023 em vários estados do Brasil, em pesquisas realizadas nos cursos de pós graduação.

A coleta de dados foi realizada nas bases de dados SciELO, Periódicos CAPES e Lens.org, a fim de obter acesso à literatura científica e publicações em âmbito nacional, com avaliação entre pares e credibilidade dos dados.

A base de dados Scielo (Scientific Electronic Library Online) é uma biblioteca eletrônica com acesso gratuito a diversas coleções de periódicos científicos de diversas areas do conhecimento, ela foi fundada em 1997 no Brasil para atender as necessidades de divulgação e acessibilidade de produções acadêmicas dos países em desenvolvimento. O Periódicos CAPES é uma plataforma online de capacitação criada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Ministério da Educação do Brasil, o portal oferece vários acervos científicos e acadêmicos, é uma das principais fontes de informação do Brasil. O Lens.org é uma plataforma online e gratuita que oferece ferramentas avançadas para pesquisa acadêmica, análise de patentes e ciência de dados. É muito utilizada por pesquisadores, empreendedores, empresas e formuladores de políticas públicas para acessar informações integradas de diferentes fontes, como patentes e artigos científicos.

Os descritores utilizados foram saúde mental, estresse, educação básica, professores e transtornos mentais para que a pesquisa fosse mais direcionada aos aspectos psicológicos do professor da educação básica durante e depois da pandemia, e somente artigos na língua portuguesa foram acessados. A string de busca foi: (saúde mental OR estresse OR transtornos mentais) AND (educação básica OR professores).

Ao selecionar os artigos mais recentes publicados entre 2020 e 2023, objetivou-se também enfatizar o período pandêmico e pós pandêmico no qual coletamos nossos dados a respeito da saúde mental dos professores da educação básica.

A seleção dos artigos ocorreu de maneira abrangente de acordo com a seleção feita nos periódicos consultados seguindo os seguintes critérios de inclusão: artigos revisados por pares, coerência com o tema, dando ênfase a saúde mental

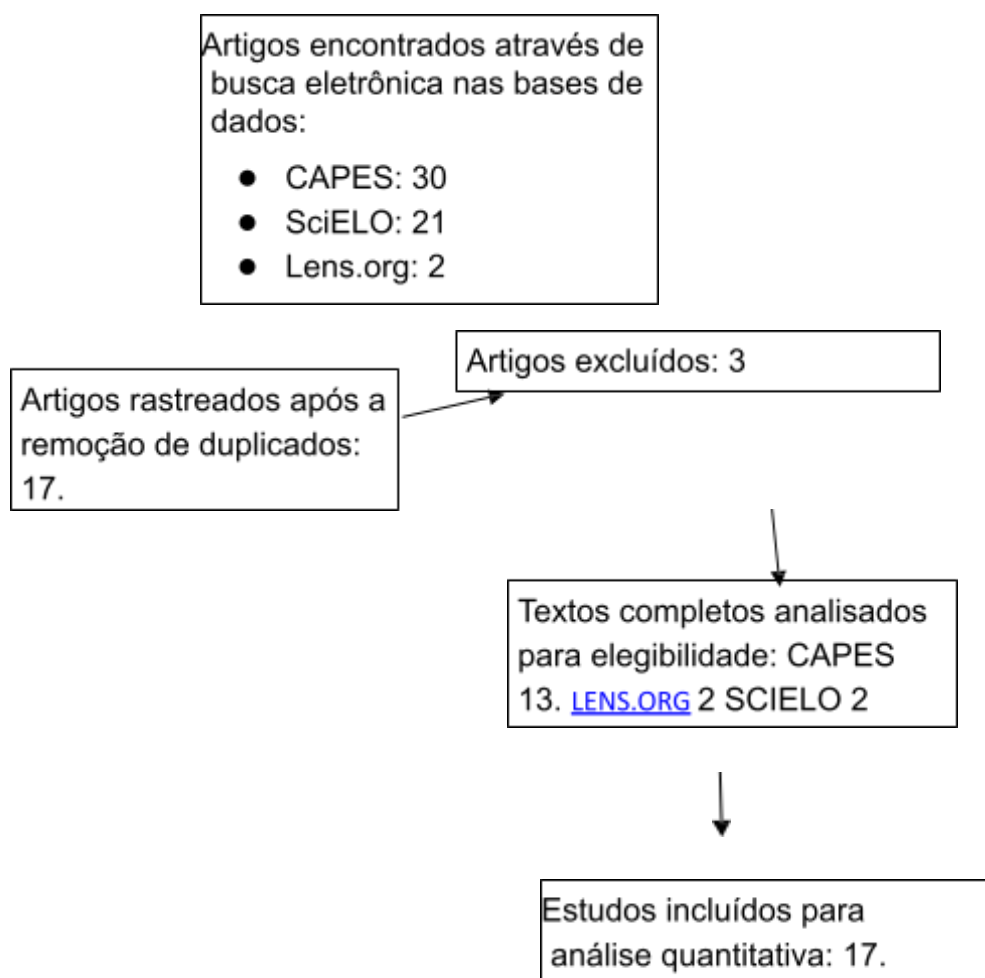
dos professores de educação básica publicados entre os anos de 2020 e 2023. Os critérios de exclusão utilizados foram os seguintes: artigos repetidos.

A análise de dados foi feita de maneira a observar os resultados e interpretá-los contando com base de dados, ano de publicação, título, autor, resumo, local da pesquisa e disponibilidade de acesso.

2.1.1 Caracterização do Corpus

Os resultados da busca sistemática estão resumidos pelo fluxograma na Figura 1. De todos os 53 artigos apresentados pelas combinações de descritores, 17 foram selecionados para a leitura do texto completo e 17 artigos foram incluídos na análise qualitativa, uma vez que 36 foram excluídos por apresentarem como similaridade entre os artigos ou não estarem de acordo com os critérios de inclusão e exclusão desse estudo.

Figura 1 - Identificação de artigos:



Com base nos artigos consultados acerca da realização de pesquisas sobre o adoecimento mental dos professores de educação podemos concluir que dos 53 artigos selecionados, 36 não passaram nos critérios de inclusão e exclusão por serem 5 repetidos, 31 tratarem de estudantes, em especial de Medicina, de professores do ensino superior e Centro de Atenção Psicossocial.

Para a caracterização do material selecionado, será feita descrição quanto à origem dos artigos, gênero dos autores, ano de publicação, tipo da metodologia, principais resultados. Após, será dada atenção aos objetivos geral e específicos do trabalho, sendo os dados analisados à luz dos mesmos.

Dos 17 trabalhos realizados em âmbito nacional, a região Sul do Brasil apresentou a mesma quantia de produção de trabalhos (35.29%, n=6), que a região Nordeste do Brasil (35.28%, n=6) e por último a região Sudeste do Brasil com (29.41%, n=5).

Em nível estadual, quantidade de trabalhos está distribuída na tabela 1:

Tabela 1 – Quantidade de trabalhos desenvolvidos por estado

Estados	Quantida de Absoluta (n)	Quantida de Relativa (%)	Acumul ada (%)
São Paulo	5	29.41%	52.94%
Rio Grand e do Sul	4	23.53%	23.53%
Pernamb u co	2	11.76%	70.59%
Paraná	1	5.88%	58.82%
Aracajú	1	5.88%	76.47%
Natal	1	5.88%	82.35%
Santa Catarina	1	5.88%	88.24%

Teresina	1	5.88%	94.12%
Ceará	1	5.88%	100.00%
Total	17	100.00%	100.00%

Fonte: elaboração própria.

Entre os 9 estados brasileiros citados no corpus dessa pesquisa acerca da quantidade de trabalhos elaborados em todo o país, o estado de São Paulo e Rio Grande do Sul se destacam na produção com respectivamente 29.41%, n=5 e 23.53%, n=4, somando 9 trabalhos realizados pelos dois estados representando 52.94% da produção de trabalhos acadêmicos acerca do tema.

Os trabalhos foram elaborados em sua grande maioria por estudantes de pós-graduação, como dito na organização dos artigos selecionados, vários deles escritos por grupos de pesquisa, dos 17 trabalhos, 16 são feitos por grupos de estudantes representando 94.12%. Na organização desses grupos conseguimos distinguir que são grupos mistos, onde homens e mulheres fazem parte do processo de pesquisa e grupos formados somente por homens e mulheres. Na tabela a seguir representamos esses dados:

Tabela 2 – Trabalhos elaborados por gênero

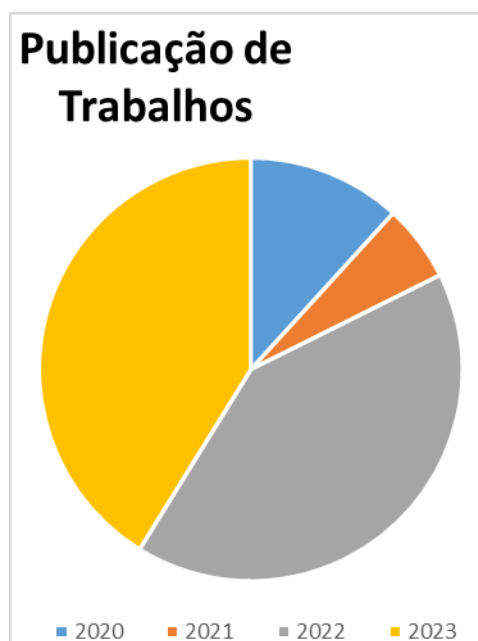
Gênero	Quantida de absoluta (n)	Quantida de Relativa (%)	Acumulad a (%)
Grupo misto	10	58.82%	58.82%
Somen te mulher es	4	23.53%	82.35%
Soment e homens	3	17.65%	100%
Total	17	100%	-

Fonte: elaboração própria.

Dos 17 trabalhos a grande maioria é elaborado e organizado por um grupo misto de acadêmicos (58.82%, n=10), em seguida por um grupo somente de mulheres (23.53%, n=4) e por último um grupo somente de homens (17.65%, n=3).

Cronologicamente esses trabalhos foram elaborados da seguinte forma:

Gráfico 1 – Quantidade de trabalhos publicados cronologicamente.



Fonte: elaboração própria.

Os trabalhos analisados foram majoritariamente elaborados nos anos de 2022 e 2023, com 7 produções em cada ano. Em 2020, foram publicados apenas 2 trabalhos, e em 2021, apenas 1, o que sugere que, após o ápice da pandemia de COVID-19, os temas relacionados à saúde mental, Síndrome de *Burnout* e adoecimento laboral ganharam maior relevância. Isso reflete as experiências concretas vividas pela sociedade naquele período, explicando o aumento significativo no número de publicações sobre o assunto a partir de então.

Em relação à formação acadêmica dos autores dos trabalhos selecionados, observa-se que, dos 17 estudos realizados, todos foram conduzidos por indivíduos com nível superior, no âmbito de programas de pós-graduação lato sensu. Esses estudos envolveram professores da educação básica de diversas regiões do país, considerando os efeitos da pandemia sobre os docentes em escolas públicas brasileiras. A análise dos artigos revela que um dos principais desafios enfrentados foi a tentativa de consolidar o "novo normal" como uma prática pedagógica permanente, o que contribuiu para o aprofundamento das lacunas educacionais

observadas.

Dos artigos selecionados as pesquisas variam entre qualitativa e quantitativa, sendo que as pesquisas quantitativas se sobrepõem apenas por um trabalho (n=9) e qualitativa (n=8). Desta forma, percebe-se que foi feito tanto levantamento dos fatores que afetam a saúde mental dos professores em termos de mapeamento quanto em termos dos processos de sofrimento. O que gera dados relevantes e abrangentes sobre a temática.

Tabela 3 – Artigos e seus resultados

Título do Artigo	Autores	Resultados
Saúde mental, adoecimento e trabalho docente.	Jerônimo Cardoso da Silva; Luiza Tamara Almeida Leal; Stefanie Schmidt; Maiara da Silva Fuhr; Eduardo Steindorf Saraiva.	A pesquisa contou com 161 participantes do sexo feminino (64,7% do total) e 40 do sexo masculino (16,1% do total). 42,2% estão satisfeitos com a profissão, 57% se sentem sempre motivados, e 57% estão orgulhosos da profissão.
Fatores psicossociais e síndrome de <i>Burnout</i> em professores da educação básica.	Maira Cazeto Lopes de Souza; Fábio Peron Carballo; Sérgio Roberto de Lucca	A amostra totalizou 5.361 professores de Ensino Médio e Fundamental, com predominância do sexo feminino (72%) e média de idade de 42 anos.
Professores na pandemia: fatores e condições associadas à Síndrome de <i>Burnout</i> .	Daniela Karine Ramos; Bruna Santana Anastácio; Gleice Assunção da Silva; Leila Urioste Rosso Pires	As categorias mais frequentes nas respostas foram: aulas (subcategorias "aprendizagem docente", "falta do presencial ", "falta de interesse"), sobrecarga de trabalho (subcategoria "excesso") e emoções (subcategoria).

Associação entre a síndrome de <i>Burnout</i> e a violência ocupacional em professores.	Beatriz Maria dos Santos Santiago Ribeiro; Júlia Trevisan Martins; Aline Aparecida Oliveira Moura; Maria José Quina Galdino; Maria do Carmo Fernandez Haddad Lourenço; Rita de Cassia de Marchi Barcelos Dalri	71,5% dos professores sofreram violência verbal. Um estudo nos Estados Unidos indicou que 84,8% dos docentes afirmaram ter sido vítimas de violência verbal.
Repercussões da violência na comunidade escolar sobre a saúde mental dos professores da educação básica e estratégias para o seu enfrentamento.	Flávia Emília Cavalcante Valença Fernandes; Alexsandro da Silva	85,7% dos trabalhos analisados abordaram o adoecimento do professor e a relação com as condições de trabalho, com 50% dos estudos tratando da síndrome de <i>burnout</i> .
Saúde mental da professora e os efeitos da pandemia em sua docência na Educação Básica: um olhar a partir da perspectiva de gênero.	Mara Dantas Pereira; Loriene Assis Dourado Duarte; Dinamara Garcia Feldens; Joilson Pereira da Silva	71% dos profissionais solicitaram afastamento por problemas psiquiátricos; estresse (65,7%) e depressão (53,7%) foram os casos mais prevalentes.
Desenvolvimento profissional docente e educação básica na pandemia de covid-19.	Camila Lopes da Silva; David Moises Barreto dos Santos	89,6% dos professores não receberam suporte estrutural /material das escolas ou Secretarias de Educação; a maior parte dos professores das redes municipais não teve apoio para o ensino remoto.

Os impactos na saúde dos professores da educação básica durante a pandemia da covid-19: uma revisão de literatura.	Janicléia Pereira de Souza; Flávia Emília Cavalcant e Valença Fernandes.	Aumento de doenças psicológicas como ansiedade, depressão e estresse, além de sobrecarga de trabalho e atividades domésticas, resultando no esgotamento dos professores.
Síndrome de <i>burnout</i> e sentido de vida em professores: um estudo correlacional.	Emile Santos de Almeida; Karine David Andrade Santos; Joilson Pereira da Silva	14,8% dos professores apresentaram baixos escores de "perfil frenético"; 23,9% com "perfil desgastado" e 21,4% com baixos índices de presença de sentido de vida.
Pandemia e ensino remoto: uma discussão sobre a sobrecarga de trabalho docente.	Winnie Gomes da Silva Barros; Aparecida da Silva Xavier Barros; Andreza Silva Medeiros; Marcia Karina Luiz	7.734 professores participaram da pesquisa; 83,4% não se sentiram preparados para o ensino remoto; 90% possuíam <i>notebook</i> , mas 38% compartilhavam o equipamento.
Sofrimento no trabalho e estratégias dos professores contra o adoecimento psíquico.	Marlon Freitas de Campos; Moacir Fernando Viegas	Identificação de estratégias de defesa (como negação e auto repressão) e estratégias de enfrentamento (controle do tempo de trabalho e antecipação das aulas).
O sobretrabalho do professor do ensino fundamental como elemento colaborador ao seu adoecimento psíquico.	Renato Macedo de Brito	O adoecimento psíquico em professores está associado ao excesso de trabalho e às dificuldades de descanso e atuação profissional.

“Desgastes e sacrifícios” medicados: A relação trabalho e adoecimento na vida das professoras brasileiras.	Jerônimo Cardoso da Silva; Luiza Tamara de Almeida Leal; Elisabete Bertella; Cleimar Luís dos Santos; Stefanie Schmidt	77,5% das professoras atuam em escolas públicas; 53% têm carga semanal de 30-40 horas. A sobrecarga de trabalho impacta diretamente na saúde mental das professoras.
Revisão sistemática internacional sobre agravos à saúde mental de professores.	Karen Rayany Ródio Trevisan; Roberto Moraes Cruz; Patricia Dalagaspe rina; Daniela Ornellas Ariño; Andrea Valéria Steil	A produção sobre agravos à saúde mental de professores aumentou em 2017, indicando crescente preocupação com o tema a nível nacional e internacional.
Síndrome de <i>burnout</i> em professores da educação básica de Teresina durante a pandemia da covid19.	Eline Dos Santos Silva; Francisco Valdivino Rocha Lima; Elane dos Santos Silva Barroso Silva Barroso; Laíse Do Nascimento Silva; Ewerton Dos Santos Silva	80,5% dos professores apresentaram altos níveis de exaustão emocional e despersonalização, e 85,3% baixos níveis de realização pessoal.
A formação inicial de professoras marcada pela interseccionalidade e o impacto na saúde física e mental das docentes.	Margareth Diniz; Leandro de Proença Lopes	A pandemia exacerbou a sobrecarga de trabalho físico e mental das mulheres, que assumem as funções de "mãe" e "professora" simultaneamente.
Ensino remoto durante a pandemia: pesquisa com docentes do Ceará.	Márcio Kleber Moraes Pessoa; Manoel Moreira de Sousa Neto	A pesquisa revelou aumento de doenças mentais, problemas de coluna e visuais devido ao uso excessivo de telas, além de docentes que buscaram tratamento para problemas psicológicos.

Os artigos mostraram as determinadas causas do sofrimento dos professores, os fatores que levam ao sofrimento psíquico e como ocorre a promoção de saúde mental nas escolas, dessa forma podemos dizer que o estudo Saúde mental, adoecimento e trabalho docente revelou que 64,7% dos participantes eram mulheres e 16,1% homens. Sobre a percepção da profissão, 42,2% dos docentes relataram satisfação, enquanto 57% afirmaram se sentir sempre motivados e orgulhosos de sua profissão. O estudo Fatores psicossociais e síndrome de *Burnout* em professores da educação básica mostra que a pesquisa, que analisou professores do ensino fundamental e médio, mostrou que 72% eram mulheres, com uma média de idade de 42 anos. Já o estudo sobre Associação entre a síndrome de *Burnout* e a violência ocupacional entre professores, demonstrou que os dados indicaram que 71,5% dos professores sofreram violência verbal, em comparação com um estudo nos Estados Unidos, no qual 84,8% dos docentes também relataram ter passado por essa experiência.

O artigo Repercussões da violência na comunidade escolar sobre a saúde mental dos professores mostra que cerca de 85,7% dos estudos analisados destacaram o adoecimento docente relacionado às condições de trabalho, sendo que 50% abordaram a síndrome de *Burnout*. O estudo sobre Saúde mental da professora e os efeitos da pandemia trouxe os dados significativos mostrando que durante a pandemia, 71% das professoras solicitaram afastamento devido a problemas psiquiátricos, como estresse (65,7%) e depressão (53,7%). O estudo sobre Desenvolvimento profissional docente e educação básica na pandemia mostra que a pesquisa indicou que 89,6% dos professores não receberam suporte estrutural ou material adequado durante o ensino remoto. Já o estudo sobre a Pandemia e ensino remoto mostrou que entre os docentes, 83,4% relataram não estar preparados para o ensino remoto. Embora 90% tivessem *notebook*, 38% precisavam compartilhá-lo com outras pessoas. O estudo sobre Síndrome de *Burnout* em professores da educação básica durante a pandemia trouxe resultados que mostraram que 80,5% dos professores apresentaram altos níveis de exaustão emocional e 85,3% relataram baixos níveis de realização pessoal. O estudo sobre os Desgastes e sacrifícios medicados apontou que 77,5% das professoras atuavam em escolas públicas, e 53% tinham uma carga semanal de trabalho entre 30 e 40 horas. A sobrecarga de trabalho impactava diretamente na saúde mental das docentes. O artigo Síndrome de *Burnout* e sentido de vida em professores mostrou que entre os

docentes analisados, 14,8% apresentaram baixos escores no "perfil frenético", 23,9% no "perfil desgastado" e 21,4% baixos índices de sentido de vida. O artigo sobre o Ensino remoto durante a pandemia – professores do Ceará mostrou um aumento de doenças mentais e problemas físicos, como dores na coluna e dificuldades visuais, devido ao uso excessivo de telas. Muitos docentes buscaram tratamento psicológico para lidar com as consequências do período. O artigo Professores na pandemia: fatores e condições associadas à Síndrome de *Burnout* descreve qualitativamente as principais categorias identificadas como fatores relacionados à Síndrome de *Burnout* em professores durante a pandemia. As categorias mencionadas são: Aulas: Incluem as subcategorias: "aprendizagem docente", "falta do presencial" e "falta de interesse"; Sobrecarga de trabalho: Relacionada à subcategoria "excesso"; Emoções: Também citada como uma categoria central. O estudo Saúde mental da professora e os efeitos da pandemia em sua docência na educação básica: um olhar a partir da perspectiva de gênero traz as seguintes informações, que 71% dos profissionais da educação básica solicitaram afastamento devido a problemas psiquiátricos durante a pandemia, 65,7% desses casos estavam relacionados ao estresse, 53,7% dos afastamentos foram decorrentes de depressão. Esses números refletem o impacto significativo da pandemia na saúde mental de professores, especialmente considerando a carga de trabalho e os desafios emocionais enfrentados. O artigo Os impactos na saúde mental dos professores da educação básica durante a pandemia da covid-19: uma revisão de literatura descreve qualitativamente os principais problemas enfrentados, como: aumento de doenças psicológicas, incluindo ansiedade, depressão e estresse; sobrecarga de trabalho e aumento nas atividades domésticas como fatores agravantes; essas condições culminaram no esgotamento físico e mental dos professores. O artigo Síndrome de *Burnout* e sentido de vida em professores: um estudo correlacional mostra que 14,8% dos professores apresentaram baixos escores no chamado "perfil frenético", 23,9% dos professores foram classificados com o "perfil desgastado", 21,4% dos professores demonstraram baixos índices de presença de sentido de vida. Esses dados indicam diferentes manifestações da Síndrome de *Burnout* entre os professores e sua relação com o sentido atribuído à vida profissional e pessoal. O artigo Sofrimento no trabalho e estratégias dos professores contra o adoecimento psíquico descreve qualitativamente as principais estratégias identificadas, que incluem: Estratégias de defesa: como negação e autorrepressão; Estratégias de enfrentamento: como controle do tempo de trabalho e

antecipação das aulas. E por fim, o artigo O sobretrabalho do professor do ensino fundamental como elemento colaborador ao seu adoecimento psíquico descreve qualitativamente que: o adoecimento psíquico em professores do ensino fundamental está fortemente relacionado ao excesso de trabalho; as dificuldades de descanso e os desafios na atuação profissional também contribuem significativamente para esse quadro.

A partir da descrição dos resultados, será feita a resposta aos objetivos específicos do trabalho citados abaixo.

Quanto ao primeiro objetivo (identificar as causas do sofrimento psíquico dos professores, como descrito na literatura nacional), verificou-se que os fatores associados ao sofrimento psíquico apontados na literatura científica durante o período de isolamento social, de 2020 a 2023, incluem diversos aspectos relevantes. Entre eles, destaca-se a violência verbal, conforme descrito no estudo "Associação entre a Síndrome de *Burnout* e a violência ocupacional em professores". Além disso, condições inadequadas de trabalho foram amplamente mencionadas, como discutido no artigo "Repercussões da violência na comunidade escolar sobre a saúde mental dos professores da educação básica e estratégias para o seu enfrentamento". O estresse e a depressão também se mostraram prevalentes, segundo o estudo "Saúde mental da professora e os efeitos da pandemia em sua docência na educação básica: um olhar a partir da perspectiva de gênero". Por fim, outros fatores, como exaustão emocional, baixos níveis de realização pessoal, transtornos mentais e problemas de saúde física, foram destacados no artigo "Síndrome de *Burnout* em professores da educação básica de Teresina durante a pandemia da COVID-19". Esses elementos evidenciam a complexidade dos desafios enfrentados pelos educadores nesse contexto.

O segundo objetivo refere-se à verificação das medidas sugeridas pela literatura nacional para promoção de saúde mental na escola para professores. Sendo assim, os artigos descrevem algumas medidas podem ser adotadas para promover a saúde mental nas escolas, visando o bem-estar de alunos e professores. Algumas das sugestões mais frequentemente apontadas na literatura são: Treinamento e Capacitação de Educadores para oferecer formação contínua aos professores sobre saúde mental, manejo de estresse, estratégias de prevenção da Síndrome de *Burnout*, e como lidar com comportamentos desafiadores no ambiente escolar e Apoio Psicológico e Social: Disponibilizar serviços de apoio psicológico, como psicólogos escolares, para atender tanto alunos quanto professores. Sessões

de aconselhamento ou grupos de apoio podem ser úteis para lidar com o estresse, traumas ou dificuldades emocionais.

O terceiro objetivo é relativo à verificação dos fatores que levaram ao sofrimento psíquico no período pandêmico. Sendo assim, verificou-se que os fatores que levaram ao sofrimento psíquico no período pandêmico estão inseridos também nas causas do sofrimento psíquico que levaram os profissionais da educação básica a atingir altos níveis de estresse, como: condições inadequadas de trabalho, estresse e depressão, exaustão emocional e transtornos mentais e problemas de saúde física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência de práticas educacionais proporcionou uma perspectiva distinta daquela explorada durante minha formação acadêmica. A relação entre teoria e prática frequentemente provoca um choque de realidade, e ao me deparar com as inúmeras dificuldades presentes no ambiente escolar, ficou evidente que há muito a ser pesquisado e discutido sobre o cotidiano nas escolas. A saúde mental do professor, apesar de ser um tema essencial, ainda é pouco abordada e recebe escasso apoio nas escolas públicas do país. Aquilo que deveria ser tratado como um assunto comum e prioritário, para que se pudessem obter os recursos necessários para combatê-lo, é frequentemente encarado de maneira superficial ou com desatenção.

Durante o processo de leitura e pesquisa, observei que a ocorrência de casos relacionados à saúde mental dos docentes é significativamente maior do que eu imaginava. A pesquisa, de abrangência nacional, revelou uma realidade preocupante: profissionais esgotados, adoecidos e submetidos a níveis alarmantes de estresse, fenômeno que se estende a professores de todos os níveis da educação básica. A exposição desses dados evidenciou a urgência de lidar com essa questão.

Esse aprofundamento me permitiu compreender a grande batalha travada pela comunidade acadêmica para inserir esse tema de extrema relevância no cotidiano escolar. O objetivo é fazer com que os profissionais que ainda resistem ao reconhecimento da gravidade da situação percebam que não se trata de fraqueza ou mero cansaço, mas de uma questão de saúde mental que pode comprometer não apenas o desempenho profissional, mas também sua vida pessoal, dado que a separação entre esses dois âmbitos é frequentemente difícil de estabelecer.

Alerta-se para a importância de dar visibilidade a esse tema para promover políticas públicas de escuta e de apoio não só aos professores, mas a toda a comunidade escolar.

Os objetivos do trabalho foram alcançados, a fim de mapear a literatura nacional acerca da saúde mental dos professores da educação básica no período pandêmico, identificar as causas do sofrimento psíquico dos professores, verificar as medidas sugeridas pela literatura nacional para promoção de saúde mental na escola para professores e verificar os fatores que levaram ao sofrimento psíquico no período pandêmico, na medida em que verificou-se a ocorrência de sofrimento psíquico no período pandêmico em professores, o que afetou a vida pessoal e de trabalho. Foram mencionadas medidas de proteção para os professores. Uma das lacunas deste trabalho foi a realização de pesquisa em bases de dados com artigos nacionais. Sugere-se busca em artigos de outras nacionalidades a fim de realizar um mapeamento mundial, o que pode dar mais visibilidade à problemática trazida no presente artigo.

Sugere-se que novos trabalhos sejam feitos, de forma empírica com professores e toda a comunidade acadêmica, a fim de abranger a quantidade de dados coletados ao redor do mundo e seguir a investigação das causas do sofrimento psíquico que afeta os professores.

REFERÊNCIAS

ADKINS-CARTEE, M. R.; LISSMAN, D. C.; ROSIEK, J.; DONLEY, K.; DEROSIA, N. Saúde mental e bem-estar dos professores em uma pandemia global. **Teacher Educators' Journal**, v. 16, n.1, p.1-49, 2023.

ANTUNES, R. (2018). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. Editora Boitempo.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990a.

FACCI, M.G.D.; URT, S.C. (org). **Quando os professores adoecem [recurso eletrônico]: demandas para a psicologia e a educação**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

Harvard Business Review. (2021). **"Por que as pessoas estão pedindo demissão de seus empregos"**. Disponível em: HBR.org.

HATTIE, J. **Aprendizagem visível para professores**: Maximizando o impacto na aprendizagem. Routledge, 2012.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO PENÍNSULA. (2021). **"Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil"**. Disponível em: Instituto Península.

JACQUES, F. O nexos causal em saúde/doença mental no trabalho: uma demanda para a psicologia. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 9, n. 2, p. 23-32, 2007.

MCKINSEY & COMPANY. (2023). **Perspectivas das Tendências Tecnológicas 2023**. McKinsey & Company. Disponível em: <https://www.mckinsey.com>.

NEVES, Mary Yale Rodrigues e SILVA, Edith Seligmann. **A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental**. Estud. pesquis. psicol. [online]. 2006, vol. 6, n. 1, pp. 63-75. ISSN 1808-4281.

PFEFFERBAUM, B.; NORTH, C. S. **Saúde mental e a pandemia de Covid-19**. New England Journal of Medicine, v. 383, n. 6, p. 510-512, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1056/NEJMp2008017>.

RIBEIRO, Beatriz Maria dos Santos Santiago; MARTINS, Júlia Trevisan; MOREIRA, Aline Aparecida Oliveira; GALDINO, Maria José Quina; LOURENÇO, Maria do Carmo Fernández Haddad; DALRI, Rita de Cássia de Marchi Barcelos. Associação entre síndrome de burnout e violência no trabalho em professores. **Acta Paul. Enferm.**, v. 35, eAPE01902, fevereiro de 2022.

ROSSI, A. M. **Síndrome de Burnout: como vencer o esgotamento profissional**. São Paulo: Contexto, 2014.

SILVA, J.; Oliveira, M. Impactos da pandemia na saúde mental dos professores: desafios e estratégias de enfrentamento. **Revista Educação e Saúde Mental**, 2023, 15(3), 123-135.

SILVA, J. F.; SANTOS, M. A.; OLIVEIRA, R. S. Saúde mental, adoecimento e trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, n. 90, e235165, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392023-235165>.

TAI, R. H.; CHEN, D.-T. J. Estresse e Saúde dos Professores: uma revisão. **Educational Researcher**, 2020, vol. 49, n. 5, p. 301-317.

TOMLINSON, C. A. **A sala de aula diferenciada: respondendo às necessidades de todos os alunos**. 2. ed. ASCD, 2014.

WILLIAMSON, B. **Big Data na Educação: o futuro digital da aprendizagem, políticas e práticas**. SAGE Publications, 2017.